



# VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor  
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Commercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA  
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

## 13 DE ABRIL

O dia amanheceu esplendido. No firmamento nenhuma nuvem embaciava o azul diaphano.

A estação invernosa parecia ter dado á natureza o adeus derradeiro, e a formosa e gentil primavera fazia magestosamente a sua entrada triumphal.

Passava já das 11 horas, quando o nosso automovel, ao subir a estrada da serra, teve uma *panne* que o obrigou a parar subitamente. Vinte kilometros nos separavam ainda do local das aparições.

Providencialmente, seguia atraz de nós um carro vasio que se dirigia para Boleiros, pequeno logar situado a uma legua de Fátima. E' nelle que tomamos logar, nós e os nossos companheiros de peregrinação: um distincto advogado nosso amigo, três senhoras do Porto das nossas relações e uma creada que pela primeira vez iam a Fátima.

A' medida que nos aproximamos do local das aparições, os grupos tornam-se mais fréquentes e mais compactos. Era pouco mais de meio-dia quando chegámos ao pé da igreja parochial de Fátima, ainda em obras, mas já quasi concluida.

Como é Domingo e o dia está lindo, a concorrência, o que aliás era de esperar, é muito superior á do costume, fóra dos dias 13 de Maio e 13 de Outubro.

Eis-nos agora na Cova da Iria. O recinto em torno da capella parece um vasto mar de cabeças humanas. Devem estar presentes cêrca de quinze mil pessoas.

Dezenas de fiéis, homens e mulheres, andam de joelhos, em cumprimento de promessas. Já tinha sido celebrada a primeira missa ás 11 horas pelo rev. Manuel Pereira da Silva, da Camara Ecclesiastica de Leiria.

Algumas centenas de pessoas comungaram a esta missa.

Começa a segunda missa, annunciada pelo toque de uma sineta. E' celebrada pelo rev. dr. Manuel Nunes Formigão, professor no Seminario de Santarem.

O rev. dr. Manuel Marques dos



Cecilia Augusta Gouveia Prestes  
depois da sua cura

Santos, inicia a comparticipação da assistência no santo sacrificio, recitando com ella o symbolo dos Apostolos.

Em seguida reza o terço, alternadamente com o povo. A sineta dá o signal de *Sanctus*. O silencio é agora mais profundo, o recolhimento mais intenso, a oração mais fervorosa. O sacerdote levanta ao alto a Sagrada Hostia. O momento é solenne e commovente. Milhares de frontes se inclinam em adoração e milhares de bôccas soltam como um grito de fé, e de amôr a exclamação do Apostolo incredulo, tornado fiel: «Meu Senhor e meu Deus!»

Seguem-se as invocações a Jesus Sacramentado. Chega o momento da Communhão. Durante a distribuição do Pão dos Anjos, o «Bemdito e louvado seja» prorompe de milhares de bôccas e repercute-se ao longe e ao largo, como uma apothese dos homens e da natureza ao Deus feito menino por nosso amôr.

Vêem-se lagrimas de jubilo e de

commoção em muitos olhos. Dezenas de pessoas, preparadas pela confissão sacramental, recebem o alimento divino que dá vida e força sobrenatural ás almas.

Acabou a missa. Canta-se o *Tantum ergo* e em seguida dá-se a bênção, primeiro a todo o povo e depois a cada um dos doentes em particular.

Sóbe então ao pulpito o dr. Marques dos Santos. Falla sôbre a penitencia tão instantemente recommendada pela Igreja no santo tempo da Quaresma. E' necessario o arrependimento e a emenda dos peccados para obter a salvação eterna.

Junto da fonte agglomeram-se innumerous peregrinos, aguardando cada qual pacientemente a sua vez de encher o recipiente que trouxe consigo com a agua maravilhosa, a cuja efficacia são atribuidas curas extraordinarias. Approxima-se rapidamente a hora da debandada. Muitos romeiros são de terras distantes e por isso apressam a partida. Os menos apressados rezam dentro ou em torno da capella ou afastam-se para sitios proximos afim de comerem os seus farnéis.

Iniciamos a viagem de regresso. Pelas estradas que percorremos, os peregrinos que encontramos rezam ou cantam. As suas almas piedosas conservam bem vivas as impressões desse dia de graças e anhelam voltar mais vezes aos pés da augusta Virgem do Rosario, no seu santuario predilecto, em busca da paz e do encanto sagrado que attrahem alli tantos filhos de Portugal e tornam aquella estancia bem dita uma verdadeira antecamara do Ceu.

V. de M.

## VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

# Relatorio sobre o caso de Cecilia Augusta Gouveia Prestes, curada em Fátima no dia 13 de Julho de 1923, de tuberculose pulmonar e peritoneal com ascite (Hydropisia do ventre)

## A familia

Cecilia Augusta Gouveia Prestes, de 22 annos de idade, solteira, natural e moradora na villa de Torres Novas, districto de Santarem, vive actualmente em companhia de sua irmã, Idalina Augusta Gouveia Prestes, de 42 annos de idade, tambem solteira. Tem mais uma irmã, Carolina Gouveia Prestes, casada, e tres irmãos, Manuel Ribeiro Gouveia Prestes, de 46 annos, solteiro, Alberto Augusto Gouveia Prestes, de 33 annos, alfaiate, viuvo, e José Nicolau Gouveia Prestes, de 28 annos, serralheiro, casado.

Moram todos em Torres Novas, excepto a irmã e o irmão mais velho que, depois de ter prestado serviço em Lourenço Marques como official miliciano por ocasião da grande guerra, foi estabelecer a sua residencia em Quelimane, onde é empregado na Repartição das Obras Publicas.

O José viveu com a irmã até ao seu casamento, que se realisou em 15 de Agosto de 1923.

O pae, Carlos Augusto Gouveia Prestes, falecido em 1915, muitos annos depois da morte da mãe, foi secretario da Camara Municipal de Torres Novas.

As duas irmãs, que se occupam no serviço domestico, habitam, ha cerca de 10 annos, um modesto primeiro andar da rua de S. Pedro.

Antes da doença de que vamos fallar, a mais nova trabalhava para fóra em obras de costura. Era então forte e gorda. Pesava 68 kilos.

«Ha tres annos, pelo Carnaval, — dizia ella um dia na sua linguagem expressiva e pitoresca, eu era um *bal-seiro*, de nutrida que estava.»

Nunca soffreu de nenhuma doença a não ser de sarampo, quando contava apenas sete annos de idade, e dum principio de pleurisia, em Agosto de 1912. Todas as pessoas de familia fóram sempre saudaveis.

## O contagio

Esteve varias vezes com longa demora em casa da sua madrinha de baptismo, Virginia da Conceição Lima, moradora na rua Direita. Da ultima vez conservou-se lá cerca de quatro annos. A madrinha era casada com Fernando José de Lima, funheiro, e, embora o marido possuísse recursos suficientes para viverem com desafogo, ella trabalhava quasi sem descanso, de dia e de noite, como modista, sustentando sózinha a casa. De compleição debil e muito doente, soffria sem cessar desde a idade de 12 annos e tinha com frequencia hemoptises. Os médicos diagnosticaram o mal de tuberculose pulmonar e recommendaram a afilhada que tivesse o maior cuidado em evitar o contagio, porque, nova como era, corria imminente perigo de vida, tratando da madrinha. Todos

abandonavam a doente, todos se recusavam a aproximar-se do seu leito de dôr. Vendo-a em estado tão lastimoso, a afilhada, de quem era muito amiga e a quem considerava como filha, não teve a coragem de se separar della. No dia 11 de Novembro de 1920 a pobre senhora succumbia aos estragos da terrivel enfermidade, entregando a sua alma a Deus. Pouco antes de morrer dispoz que se cumprissem immediatamente as suas promessas e fez di-



Cecilia Augusta Gouveia Prestes antes da sua doença

versas recommendações. Cecilia foi depois para casa da irmã Carolina que, tendo mais tarde casado, vive hoje em Lisboa. Entretanto, como se achasse bastante fraca, procurou no seu consultorio o dr. Augusto d'Azevedo Mendes, que lhe receitou varios tonicos, com que se deu bem. Passados cinco meses, retirou-se para casa da irmã Idalina, porque se sentiu doente e impossibilitada de satisfazer com o producto do seu trabalho a pensão que se compromettera a pagar á irmã Carolina para ajuda do seu sustento. Alli o irmão Manuel custeava-lhe os remedios e a assistencia médica, o que nunca succedeu durante a sua estada em casa da outra irmã.

## A pleurisia

Foi no mês de Junho, precisamente na vespera de S. João, que ella se mudou e no fim desse mês adoeceu gravemente com uma pleurisia, vendo-se obrigada a recolher á cama.

Esteve de cama um mês, todo o mês de Julho, excepto nos ultimos dias, tendo subido a febre a 40 graus. Foi tratada pelo dr. Eugenio Ribeiro d'Almeida, médico assistente da familia. Chegou a pensar em ir a Lisboa para se proceder á extracção do

liquido, mas verificou-se por fim que isso não era preciso.

Achando-se ligeiramente melhor, continuou a trabalhar, até que em Março de 1922 se sentiu fraca e se reconheceu mais magra do que nunca, tratando-se então com os drs. Ribeiro d'Almeida e Vicente Vinagre, que lhe prescreveram diversos remedios, cuja efficacia pareceu inteiramente nula.

Em 25 de Julho foi a Alcanena consultar o dr. José Ferreira Viegas, por não ter obtido resultados favoraveis com a assistencia dos médicos de Torres Novas. Aquelle facultativo, constatando que os pulmões estavam affectados, receitou-lhe varios medicamentos que produziram effeito, recuperando a enferma um pouco as forças.

## A tuberculose e a ascite

Depois de mais algumas visitas ao dr. Viegas, Cecilia partiu para Lisboa no dia 2 de Janeiro, por indicação do dr. Almeida, que a tinha achado muito mal, com o ventre bastante elevado, devido á ascite, cujos symptomas haviam entretanto aparecido.

Entrou no dia 14 desse mês no Hospital de D. Estephania. Submettida a um regimen lacteo rigoroso durante dezoito dias, tomava quiniño, tricalcina e lactose. Descobriu-se nessa ocasião que ella soffria tambem de albumina. O ventre baixou de todo.

Pediu alta em fins de Janeiro e regressou logo a Torres Novas. Foi porém contra a vontade dos médicos e das enfermeiras que sahiu do hospital, porque, longe de estar curada, o mal continuava a miná-la sem piedade. Todos lhe prediziam que havia de recahir.

Passou o mês de Fevereiro regularmente e o mês de Março um pouco melhor, peorando em Abril. Andava de pé, mas com o ventre outra vez inchado e com febre alta. Esta elevou-se quasi sempre a 39 e 40 graus nesses meses, em Maio e em Junho. Conservou-se de cama quasi todo o mês de Junho.

## Agua da fonte das aparições

Quando a madrinha estava doente, Cecilia pedia com muito fervor a sua cura ao Senhor Jesus dos Lavradores, cuja sagrada imagem se venera na igreja de S. Thiago, e, como, apesar disso, a sua dedicada amiga e protectora morresse, cahiu em profundo desanimo e desde então não quiz pedir mais nenhuma graça. Agora, porém, animava-a uma grande devoção para com a Santissima Virgem e uma confiança illimitada e inabalavel no seu poderoso valimento junto de Deus.

Havia muito tempo que a irmã lhe ministrava em segredo agua de Fátima, deitando colheres della no chá,

no leite e nas gemadas. Um sobrinho de tres anos, a quem isso causava extranheza, foi-lhe dizer que a tia deitava agua na comida. Um dia a doente, ansiosa por saber que especie de agua era aquella, queixou-se de que a gemada estava insipida e sem graça. Como a irmã se visse então forçada a confessar que lhe deitava sempre na comida algumas gottas de agua de Nossa Senhora, observou que não era preciso fazê-lo a ocultas, porque a beberia sempre de muito bom grado. A irmã procedia assim por julgar que ella não acreditasse na efficacia sobrenatural da agua de Fátima.

### Prognosticos terriveis

Foi em Dezembro de 1922, quando aconselhou a doente a ir a Lisboa, que o dr. Almeida disse á irmã que ella estava tuberculosa da cabeça até aos pés. Chegou um dia a exclamar, significando tristemente que não havia esperanza de cura: «Que quer que eu lhe faça?!» Nos principios de Junho o dr. Viegas affirmou tambem que ella estava perdida, a desfazer-se. Quando já não podia ir a Alcanena, foi lá o irmão José dar informações áquelle clinico e pedir-lhe que receitasse alguns remedios. O médico declarou que ella não durava quinze dias e mandou-lhe apenas repetir um frasco que já tinha tomado, de hydropenol, para os rins, que quasi não funcionavam.

O dr. Durão, o dr. Mira da Silva e outros médicos do Hospital de D. Estephania, consideravam do mesmo modo a enferma irremediavelmente perdida. Assim o diziam ao irmão José. A ella, quando fazia perguntas sobre o seu estado, davam respostas como esta: «Pode ser que melhores, mas estás muito doente.»

### Os ultimos Sacramentos

Era grande o desejo que Cecilia tinha de ir á Fátima no dia 13 de Junho, dia de Santo Antonio, o glorioso thaumaturgo português, afim de pedir a sua cura a Nossa Senhora do Rosario. A familia aproveitou o ensejo que se proporcionava para que ella recebesse os sacramentos, não se mostrando disposta a consentir na sua ida á Fátima, porque todos asseguravam que morreria no caminho, se empreendesse tal viagem.

O dr. Augusto Mendes, chamado para tratar da doente na ausencia do dr. Almeida e informado do seu vehemente desejo, declarou que se oppunha como médico a que fôsse á Fátima mas que, se ella inspirada pela devoção quizesse ir lá, não podia obrigá-la a ficar em casa e que por isso fizesse o que melhor lhe parecesse. A sua opinião era que não realizasse essa viagem, mas que não emtanto, se era religiosa, preparasse a sua alma para Deus.

Ao ouvir estas palavras, a doente convenceu-se de que a sua vida corria perigo e, pegando no terço, rezou a Nossa Senhora de Fátima, supplicando-lhe que a salvasse. Havia já muito tempo que todos os dias recitava o terço e pedia á Virgem do Rosario que se dignasse curá-la, tendo

até prometido ir a Fátima no dia de Santo Antonio. O seu estado, porém, aggravou-se a tal ponto que lhe foi absolutamente impossivel cumprir a promessa.

Receando dum momento para o outro um desenlace fatal, a familia encomendou a urna no dia 11 a Manuel Alvorão, morador na rua das Tufeiras, tendo tambem ficado ajustada a mortalha no mesmo dia.

O rev. João Nunes Ferreira, parcho da freguezia de S. Pedro, uma das da villa, depois de ter visitado a doente na vespera, foi confessá-la e administrar-lhe o Sagrado Viatico e a Extrema unção no dia de Santo Antonio. Quando se despediu, disse á irmã que brevemente a iria de novo visitar, porque sabia pelos médicos que a doente estava perdida.

Passada meia hora, perguntou a Thereza de Jesus Oliveira, pessoa que frequentava a casa da enferma



Cecilia Augusta Gouveia Prestes no principio da sua doença

e sua visinha, se ella já tinha expirado. Na vespera, um rapaz, filho daquella mulher, pediu licença ao patrão para ir ver Cecilia que julgava morta por lhe terem dado essa noticia no estabelecimento em que estava empregado e, ao vê-la ainda viva, mas parecendo agonizante, retirou-se a chorar.

### Sensiveis melhoras

Depois de se confessar e receber o Sagrado Viatico, descansou e dormiu um somno regular, durante tres horas, o que já não acontecia havia muitos meses, porque lhe sahia constantemente agua em abundancia pela boca, sufocando-se quando a fechava para dormir. A partir desse dia diminuiu a quantidade de agua que deitava pela boca. Baixou a febre e abrandaram as dores. O ventre porém, não decresceu de volume. Ella continuou a rezar o terço, implorando a cada momento a sua cura e bebendo todos os dias agua da fonte que brotou no local da primeira apparição.

### Peregrinação dolorosa

Este estado manteve-se estacionario até ao dia 13 de Julho seguinte. Nesse dia, ás 6 horas da manhã, cheia de confiança na protecção Maternal de Nossa Senhora, iniciou a sua tão desejada peregrinação á Fátima. Partiu de trem com a irmã Idalina, Florinda Pereira, esposa do irmão Alberto, Maria Leonor, futura esposa do irmão José, Maria José Alves, sua madrinha de chrisma e madrinha de baptismo e chrisma dos irmãos José, Alberto e Carolina, e Francisco Teixeira, ourives da capital.

Foi nos braços da irmã e da futura cunhada da cama para o trem. Sofria imenso com os solavancos. As dores eram horriveis. O vehiculo seguiu pela estrada que atravessa a serra d'Ayré. A doente ia entre Maria Leonor e Florinda Pereira, amparada por ambas, ficando na frente a madrinha. De vez em quando, presa duma aflicção indizivel, exclamava: «Valha-me Nossa Senhora do Rosario! ou então: «Nossa Senhora me acompanhe!» A sua fraqueza era extrema, Cahia frequentemente com syncopes para cima das suas companheiras de viagem.

O ceu estava encoberto. Emquanto subiam a estrada da serra, choveu, mas pouco e durante pouco tempo. A atmosphera era pesada e quente. Num lanço mais ingreme da estrada o cocheiro pediu a todos os passageiros que se apeassem. A doente accedeu tambem a esse pedido, mas, como não podia andar, teve de voltar immediatamente para o carro com a Maria Leonor. Esta dizia para os outros companheiros de viagem: «Vamos ter trabalhos pelo caminho; ella morre-nos antes de chegarmos a casa». Foi precisamente por esse motivo que José Prestes não quiz acompanhar a irmã, dizendo que ella morreria com certeza durante a viagem.

### Em Fátima: a cura

A doente desceu do trem ao pé da igreja parochial de Fátima, assistiu á ultima parte de uma missa que se estava celebrando e, logo que sahio da igreja, poude urinar. Havia muito tempo que o não fazia, senão raras vezes e com extrema difficuldade, tendo tomado remedios para pôr termo a essa tortura, mas debalde.

Foi no trem até ao local das apparições. Chegou lá ás 11 horas. Estava a acabar a primeira missa campal. Os companheiros aproveitaram o intervalo entre a primeira e segunda missa para comerem o farnel que tinham levado. Ella não tomou quasi alimento nenhum. Terminada a refeição, fôram todos ouvir a segunda missa.

A multidão que áquella hora se agglomerava na Cova da Iria era enorme. Antes da missa a enferma tornou a urinar. O seu aspecto era o d'uma paralytica. Tinham-na deitado no chão em almofadas. Chorava silenciosamente vendo-se naquelle logar em tão triste estado. A irmã chorava tambem. Muitas pessoas perguntavam se ella era aleijada.

Pedia a sua cura com muito fervor.

Um individuo de maneiras distintas, que a viu da capellinha onde se encontrava, reconhecendo que era uma enferma, foi buscá-la, e dominado pela commoção ao contemplar de perto aquelle cadaver ambulante, não ponde suste as lágrimas, que lhe corriam copiosamente pelo rosto. Amparada pela irmã Cecilia entrou no santuario e ajoelhou aos pés da estatua de Nossa Senhora. Não assistiu á benção dos enfermos, porque teve uma syncope, que a forçou a recolher logo ao carro.

No regresso tomaram pela estrada de Villa Nova de Ourem. Ao pé da fonte, que está situada á entrada daquella villa, o vehiculo parou para os cavalos descansarem e beberem agua. Então ella, sentindo um appetite extraordinario, poz-se a comer do farnel das companheiras, a saber: bacalhau albardado, almondegas de bacalhau, carapaus fritos, pão com queijo, uma tigelinha de morangos e peras, não comendo mais porque a irmã e as companheiras o não consentiram com receio de que lhe fizesse mal. Queria provar de tudo. A digestão fez-se regularmente. Os balanços do carro desde a partida da Fátima não lhe causaram nenhum incomodo. Numa excelente disposição physica e moral, já conversava animadamente, já ria e cantava.

Eram 11 horas da noite quando chegou a Torres Novas. As visinhas que estavam á janella, aguardando a sua chegada, julgavam que vinha morta. Até esse dia não tinha posição para estar na cama. Dormiu a somno solto toda a noite. No dia seguinte levantou-se muito bem disposta. As dôres e o mal estar tinham desaparecido. O ventre baixara, readquirindo dentro de pouco tempo o seu volume normal. Continuava a sentir um appetite devorador. Podia alimentar-se de tudo. No mês de Agosto houve um dia em que ingeriu meio kilo de amendoim. Nunca mais tomou remedios, nem leite, nem gemadas.

Voltou no dia 4 de Outubro ao consultorio do dr. Viegas que, depois de a auscultar, traduziu a sua visível surpresa, preguntando o que tinha feito para se curar. Cecilia não ousou dizer-lhe nada ácerca da sua ida á Fátima, temendo que fizesse troça d'ella. Pediu apenas que declarasse o que pensava do seu estado, porque se sentia curada. O médico exprimiu-se nestes termos: «Está completamente boa, mas bastante fraca. Precisa de tomar injeções de cocodylato de sodio». E, tendo feito a respectiva receita, continuava a manifestar a admiração de que estava possuido. A cliente perplexa e confusa, limitou-se a balbuciar que havia tomado os remedios que elle receitara, o que não era a expressão exacta da verdade, porque não tinha tomado mais nenhum remedio nem chamado mais nenhum médico depois do regresso de Fátima.

O dr. Almeida que a vira num estado verdadeiramente lastimoso e a quem constara que ella se achava curada, passando perto da porta da sua antiga cliente com sua esposa e

a familia Amado e vendo-a á janella, disse-lhe que precisava de a observar, promettendo ella ir em breve ao seu consultorio. Dias depois, como não lhe apparecesse, aquelle clinico procurou-a em casa, examinou-a attenta e minuciosamente e, terminado o exame, disse-lhe que estava curada, deu-lhe os parabens, e assegurou que nem elle nem os seus collegas a tinham curado, porque isso era humanamente impossivel.

O pharmaceutico Antonio Fernandes Lima, ao vê-la em Janeiro seguinte na sua pharmacia, onde fôra pagar o resto duma conta que devia, ficou surpreendido em extremo e exclamou: «Está aqui um verdadeiro milagre!» Ouvindo estas palavras, Cecilia preguntou, sorrindo: «Então ainda acredita em milagres?» Ao que retorquiu o pharmaceutico: «Então porque não hei-de acreditar, se estou deante dum verdadeiro milagre?!» Cecilia voltou á Fátima, em acção de graças, em 13 de Setembro e em 13 de Outubro. Não foi lá em Agosto por ser nessa ocasião o casamento de seu irmão José. No mês de Setembro chegou ao logar das aparições, em jejum natural, assistiu á primeira missa, commungou, tomou algum alimento e foi depois ouvir a segunda missa e o sermão. Em Outubro chegou á hora da segunda missa.

Actualmente gósa de perfeita saúde, come com excelente appetite, dorme admiravelmente bem, sentindo-se mais forte do que antes da terrivel enfermidade que a levou ás portas da morte. Pesava outr'ora, como dissemos, 68 kilos. Durante a doença chegou a ter apenas 34 kilos. Todos os meses tem aumentado 3 kilos aproximadamente.

Em toda a parte por onde ella passa espalha a admiração e o assombro pelo poder maravilhoso da augusta Virgem do Rosario, a cuja intercessão attribue a sua cura verdadeiramente extraordinaria e humanamente inexplicavel.

### Conclusão

Em resumo:

Cecilia Augusta Gouveia Prestes, natural e moradora em Torres Novas, atacada de tuberculose pulmonar e peritoneal com ascite, completamente desenganada dos médicos, tendo recebido os ultimos sacramentos e tendo já sido encomendados para o seu cadaver o caixão e a mortalha, é conduzida a Fátima no meio de horriveis sofrimentos, com syncopes contínuas causadas pela extrema fraqueza e quasi moribunda, na manhã do dia 13 de Julho de 1923. Na tarde desse mesmo dia regressa a Torres Novas, apresentando todos os signaes duma cura, produzida em poucas horas, sem o auxilio de nenhum meio therapeutico. Decorreram muitos meses sem que essa senhora tenha experimentado o que quer que seja que recorde a doença de que soffreu mais de dois annos. Perante estes factos, cumpre reconhecer que a rapidez das modificações constatadas não póde explicar-se de um modo natural e está acima do poder da sciencia e dos seus meios de acção.

### Attestados médicos

Domingos Roque Laia, chefe da Secção do Registo dos doentes hospitalizados dos Hospitais Civis de Lisboa:

Certifico que no numero novecentos e oitenta e três, do livro de registo cento e oitenta e nove, da entrada dos doentes, consta que: Cecilia Augusta Gouveia Prestes, filha de Carlos Augusto de Oliveira Prestes e de Maria da Piedade Oliveira, de vinte e um anos de idade, solteira, domestica, natural de Torres Novas, freguezia de S. Salvador, concelho de Torres Novas, distrito de Santarem, e residente na rua do Arco do Limoeiro, sete, quarto andar, freguezia de São Tiago, concelho e distrito de Lisboa, esteve em tratamento na enfermaria do Carmo, do hospital de Estefania, desde quatro de janeiro de mil novecentos e vinte e tres, até vinte e quatro de janeiro do mesmo ano: Doença de que se tratou: **Peritonite tuberculosa**. Esta certidão é passada conforme autorisação da Direcção Geral dos Hospitais em requerimento da propria.

Para constar passei a presente certidão que vai por mim assinada e selada com o selo dos Hospitais Civis de Lisboa.

Secção de Registo dos Doentes Hospitalizados, Lisboa, 6 de Maio de 1924.

O Chefe — (a) *Domingos Roque Laia*.

(Segue-se o reconhecimento).

Eugenio Ribeiro d'Almeida, subdelegado de saúde de Torres Novas, etc.

Atesto que Cecilia Augusta de Gouveia Prestes, solteira, de vinte e dois anos, residente na freguesia de S. Pedro, desta vila, se encontra em boas condições de saúde e sem dar qualquer contagio, a despeito da enfermidade adiantada da bacilose de Koch, que segundo observei e me foi confirmado, padeceu até ha quasi um ano e de que logo, principiou a melhorar pouco tempo depois, confesso, contra a minha expectativa. E este facto certifico e juro por ser verdade e me ter sido pedido.

(a) *Eugenio Ribeiro d'Almeida*

(Segue-se o reconhecimento)

Augusto d'Azevedo Mendes, Bacharel em Medicina pela Universidade de Coimbra:

Attesto sob minha honra, que Cecilia Augusta Gouveia Prestes, de 22 annos de idade, residente na freguezia de S. Pedro, n'esta vila de Torres Novas, foi observada por mim na sua residencia, em Junho de 1923, tendo diagnosticado uma **peritonite tuberculosa** com grande derrame da cavidade peritoneal, notando-se ainda lesões pulmonares de caracter bacilar, que davam á doença um prognostico extremamente reservado.

A doente apresenta hoje um aspecto saudavel e robusto, não dando á observação vestigios sensiveis da sua anterior doença.

Torres Novas, 20 de Abril de 1924.

(a) *Augusto d'Azevedo Mendes*

(Segue-se o reconhecimento) V. de M.